



ESCOLA
IEIJ

Instituto de Educação Infantil e Juvenil

Primavera, 2020. Londrina, 6 de novembro

CULT | IEIJ

Nome: _____

Ano: _____

Tempo	Início:	Término:	Total:
	MMXX	Literatura	Fundamental 1



DIMA, O PASSARINHO QUE CRIOU O MUNDO – PARTE 1 DE 3

Há muito, muito tempo, era uma vez o começo do mundo, a criação do Universo.

A primeira coisa a aparecer foi o fogo. Era um fogo sem labaredas e todo da mesma cor, que não queimava, e tinha a forma de um lençol enorme e muito quieto, ali estendido, como se estivesse numa cama, à espera de que alguém se deitasse para amarrotá-lo.

Depois, como se fosse sacudido por uma violenta tempestade, começou a ondular e a enrolar-se sobre si próprio, de uma ponta à outra, e tomou a forma de um ovo de cabeça para baixo.

Assim esteve até se pôr a dar cambalhotas em círculos cada vez maiores. Era o ar que nascia.

Eram cambalhotas e cambalhotas, uma atrás da outra, aumentando a velocidade a cada volta, como se fosse uma corrida de Fórmula 1 de cambalhotas.

Mas chegou um ponto em que a velocidade das cambalhotas era tanta que o ovo gigante foi se descascando, atirando pedaços de fogo dos mais variados tamanhos para todos os lugares à sua volta, até se tornar tão redondo quanto uma bola. E todos esses pedaços de fogo, ao rebolar para os lugares onde se fixaram, foram se arredondando também, como bolas de futebol à espera de uma função e um trabalho a executar no meio do Universo.

Foi então que se ouviu:

– Txikunguloo!

E do outro lado dessa bola de fogo gigante, que ainda não era o Mundo:

– Diiiimaa!

E foram essas as duas primeiras palavras ditas e ouvidas em todo o Universo que acabara de nascer.

Dima e Txikungulo eram dois passarinhos saídos das cambalhotas daquele ovo de cabeça para baixo, que ficaram a andar pelo próprio pé, de um lado para o outro, no ar, até se encontrarem e se tornarem amigos.

Eram as duas únicas criaturas vivas em todo o Universo que respiravam, comiam, falavam e caminhavam, ou voavam.

Dima era muito fraquinho e alimentava-se de estrelas cruas acabadas de nascer. Mas essas estrelas, debicadas e ingeridas assim cruas, eram terrivelmente azedas e provocavam dores de estômago insuportáveis. Por isso, muitas vezes ele passava pela casa de Txikungulo a pedir-lhe

comida, ou um bocadinho de fogo fresco misturado com ar de vento forte para beber e aliviar as dores de estômago de que sofria.

Txikungulo, o dono do fogo que queima e transforma as coisas, cozinhava não só as estrelas recém-nascidas, como também alguns pedaços de ar mais espesso e engordados pelo vento em redemoinho.

Mas tão egoísta era o Txikungulo, tão pilantra e sem-vergonha, que não partilhava esse acepipe com seu amigo Dima, a quem só oferecia pedacinhos de vento apanhados de véspera, e sempre crus.

Isso passou-se durante milhares e milhares de anos.

Até que Dima, o passarinho que não era dono do fogo que queima e transforma as coisas, cansado de sofrer dores, humilhações e vexames horríveis, esperou certa vez que o seu amigo Txikungulo adormecesse. Deixou-o pegar fundo no sono, entrou pela casa adentro com todo o cuidado, pegou no fogo e desatou a voar na direção da maior bola de fogo que tinha ao seu alcance. Levava o fogo no cocuruto, como uma crista em labaredas.

Atravessou ventos e redemoinhos de toda espécie e tempestades medonhas.

De quando em vez, apanhava uma estrela recém-nascida com a ponta das asas e parava de voar, baixava a cabeça, de onde retirava com um dos pés uma chispa de fogo, e assava ali mesmo a sua estrela recém-nascida e recém-apanhada, com a qual se deliciava sem gulodice, retemperando forças para seguir viagem.

Longa, longa viagem foi essa de Dima, do meio do Universo à criação do Mundo: foram anos e anos, centenas de anos a voar por ares e ventos e tempestades nunca antes viajados!

Mas Dima, agora o dono e senhor do fogo que queima e transforma as coisas, sabia bem que era o tempo, o espaço e a distância o que estava a inventar nessa sua viagem.

Com toda a paciência que caracteriza um passarinho que se vai tornar uma lenda viva e um exemplo para todos os seres vivos, Dima continuou viagem até atingir o seu objetivo: chegar àquela bola de fogo que não queima e tem já o tamanho do Mundo à espera de nascer.

Dima reparava em todos os pormenores de que se compunha o Universo por onde passava: no tamanho desigual das bolas de fogo que não queimam (e que um dia se chamarão planetas e satélites); nos pedacinhos de fogo frio que viravam estrelas e das quais se alimentava; no assobio cantante dos ares e dos ventos e nos desenhos que fazia em redemoinho por onde passava, ou nas camas em que se deitava para descansar um pouco.

Dima registrava tudo na sua magnífica memória de pássaro, com uma nitidez e uma precisão fotográfica impressionantes.

De quando em vez, apanhava um vento favorável, um vento bom e amigo, que o ajudava na sua viagem, poupando-lhe esforço e cansaço.

Fechava então as asas, colocava os pés para trás, muito bem encostados ao corpo, tocando a ponta da cauda, e fazia-se arrastar por esse vento a seu favor, com leves movimentos da cabeça, como o condutor de um automóvel numa estrada, pelo caminho menos acidentado e mais próximo, na demanda do seu destino.

Outras vezes, porém, surgiam ventos contrários à direção do seu voo. Ventos, assobios impossíveis de suportar, tempestades e furacões.

Quando isso acontecia, Dima fazia uma pausa. Parava à beira da tempestade ou do furacão, como qualquer viajante que nunca fez outra coisa senão viajar, esticava um dos pés para a frente, como quem afasta um empecilho chato e resmungão do percurso, levantava a asa contrária numa perícia de equilibrista de circo, fechava os olhos e esperava que a tempestade ou o furacão amainasse, desviando-se dos ventos mais rechonchudos e gordinhos que com ele se cruzavam.

Foi numa dessas paragens forçadas durante a viagem que, levantando o bico como quem levanta o nariz para apontar ou indicar alguma coisa, decidiu:

– Ali será a Terra!

Estava a uma distância de cento e cinquenta anos bem contados, voados e medidos.

– Ali será a Terra! – repetiu para si próprio com entusiasmo crescente. – A Terra, um planeta paradisíaco! – acrescentou.

E fez-se de novo à viagem, ao caminho.

Dima traçava uma rota, uma estrada no vazio e no precipício.

Nessa sua aventura de viajante, Dima estava precisamente inaugurando um mapa. Mas era um mapa que só a sua fabulosa memória de pássaro poderia preservar intacto até o fim dos tempos.

Na verdade, tratava-se de um mapa de atalhos, avenidas, autoestradas e ruelas de vento, construídos e traçados no Universo, com asas, pés, olhos e bico de pássaro – esse pássaro agora dono e senhor do fogo que queima e transforma as coisas!

Enquanto isso, o ar e os ventos assanhados, as tempestades e os furacões, os redemoinhos e os ventos mandriões pintavam de azul, dessa cor azul de muitos e de todos os azuis que agora se conhecem, os céus que acabavam de nascer à sua passagem e à passagem de Dima.



NOTA DO AUTOR “Dima, O Passarinho Que Criou o Mundo” é um conto baseado numa cosmogonia (narrativa mítica que dá uma explicação sobre a criação do mundo) do povo san, palavra que significa literalmente pessoa, no sentido de ser humano.

Esse povo, em risco de extinção, habita o sul de Angola e o norte da Namíbia. Povo nômade que vive da caça com arco e flecha e da colheita de mel, de frutos silvestres e de raízes comestíveis que só eles conhecem, é o mais antigo a habitar o território que é hoje Angola e o único que não é de raiz Bantu (palavra que significa homem, também no sentido de ser humano).

PROPOSTA

Leremos o conto em 3 partes. Para representar a parte 1 de 3, escolha um trecho do texto e desenhe-o fazendo uma pintura monocromática, ou seja, utilizando apenas uma cor. A Monocromia é o esquema mais simples de cor, que se desenvolve utilizando só uma cor com as suas diferentes intensidades e tonalidades. Desenhe a moldura de seu desenho.

Escreva um título para o seu desenho. Assine-o e date-o usando o canto inferior direito.